

FEITURAS DE ENCANTAMENTOS NA DIMENSÃO TRANSFORMADORA DOS ARTISTAS E BRINCANTES

DEEDS OF ENCHANTMENT IN THE TRANSFORMATIVE DIMENSION OF ARTISTS AND
BRINCANTESⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-5866-7607>  Prof. Dr. Waldimir Rodrigues Viana^A

<https://orcid.org/0000-0002-4118-6572>  Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernandez^B

^A Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Rolim de Moura, RO, Brasil

^B Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil

Recebido em: 06 out. 2025 | Aceito em: 30 out. 2025

Correspondência: Waldimir Rodrigues Viana (waldimir.viana@gmail.com)

Resumo

Com o propósito de investigar e analisar a relevância dos artistas e brincantes na formação inicial e contínua de professores e professoras da educação infantil, foi elaborada a tese de doutorado *Pedagogia de artistas e brincantes: um olhar sobre a formação de docentes para a educação infantil a partir de uma escola pública* (Viana, 2023). A pesquisa adotou abordagem etnográfica, incorporando elementos da pesquisa-ação, e envolveu imersão em ambientes que possibilitaram interação direta com profissionais da arte e do brincar. Foram observadas práticas desses artistas em contextos variados, incluindo produções acadêmicas e não acadêmicas, e analisadas ações formativas presenciais que servem de referência para o desenvolvimento de práticas pedagógicas. O estudo demonstrou que os artistas e brincantes atuam como fatores de encantamentos, promovendo experiências lúdicas e estéticas que estimulam o desenvolvimento criativo e autônomo de futuros docentes da primeira infância, mesmo diante dos desafios de integração aos cursos de Pedagogia. O referencial teórico enfatizou a centralidade da criança e das múltiplas linguagens expressivas (Ostetto *et al.*, 1999), o valor lúdico e cultural do brincar (Huizinga, 2007; Piorski, 2016) e a dramatização e os jogos como instrumentos pedagógicos (Boal, 2004, 2009; Spolin, 2008; Koudela, 2009; Slade, 1978). Os resultados indicam que a atuação dos artistas e brincantes enriquece o repertório pedagógico das professoras e configura uma pedagogia própria, centrada no encantamento. Essa pedagogia emerge da experiência, da estética e da ludicidade, articulando tradição e inovação na formação docente e consolidando uma abordagem transformadora, sensível e significativa para a educação infantil.

Palavras-chave: pedagogia; artistas; brincantes; educação infantil.

Abstract

With the purpose of investigating and analyzing the relevance of artists and *brincantes* in the initial and ongoing formation of early childhood education teachers, the doctoral thesis *Pedagogy of artists and brincantes: a perspective on teacher education for early childhood*



from a public school was developed. The research adopted an ethnographic approach, incorporating elements of action-based research, and involved immersion in environments that allowed direct interaction with professionals in art and play. The practices of these artists were observed in diverse contexts, including both academic and non-academic productions; and in-person training activities that serve as references for the development of pedagogical practices were analyzed. The study demonstrated that artists and *brincantes* act as creators of enchantment, promoting playful and aesthetic experiences that foster the creative and autonomous development of future early childhood teachers, even in the face of challenges related to their integration into pedagogy courses. The theoretical framework emphasized the centrality of the child and multiple expressive languages (Ostetto *et al*, 1999), the playful and cultural value of play (Huizinga, 2007; Piorski, 2016), and dramatization and games as pedagogical tools (Boal, 2004, 2009; Spolin, 2008; Koudela, 2009; Slade, 1978). The results indicate that the work of artists and *brincantes* not only enriches teachers' pedagogical repertoire but also constitutes a distinct pedagogy centered on enchantment. This pedagogy emerges from experience, aesthetics, and playfulness, articulating tradition and innovation in teacher education and establishing a transformative, sensitive, and meaningful approach for early childhood education.

Keywords: pedagogy; artists; *brincantes*; early childhood education.

Introdução

De início, recorro à memória para distribuir nessas páginas os argumentos que nascem da minha própria experiência como criança, captada por meus canais sensoriais aguçados e sensíveis à toda e qualquer novidade que me transmitisse doses de encantamento já na primeira infância. Para o menino que fui, tais encantos foram capturados pelos meus olhos, ouvidos e dedos. Tudo começa pela música, que, desde que me entendo por gente, fez parte da minha existência, seja a música que vinha pelo rádio ou, principalmente, a que ouvia nos momentos brincantes nas rodas e cirandas que, por tamanha felicidade, pude vivenciar. As primeiras canções infantis com as quais tive contato embalavam as minhas manhãs de domingo, quando, em rodas organizadas por freiras católicas, as escutávamos e dançávamos em círculos. Anos mais tarde, tomei conhecimento de que inaugurei minha percepção artística por meio de ninguém menos que Heitor Villa-Lobos e seu *Ciclo de Canções Infantis*, que o compositor brasileiro desenvolveu com a finalidade de servir à educação musical para crianças.

O chamado *Ciclo de Canções Infantis*ⁱⁱ de Heitor Villa-Lobos refere-se ao conjunto de obras em que o compositor brasileiro criou ou adaptou cantigasⁱⁱⁱ e jogos de origem popular, incorporando temas do folclore brasileiro voltados para a infância. As peças foram concebidas tanto para execução ao piano quanto para canto coral e foram amplamente difundidas entre as décadas de 1930 e 1940, período em que o músico brasileiro organizou formações de canto orfeônico^{iv} voltadas para o ambiente escolar.

Anos mais tarde, foi exatamente o empenho de uma pedagoga — minha professora do terceiro ano do ensino fundamental — em proporcionar uma visita a um importante museu de arte moderna na cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, que possibilitou, ao mesmo tempo, o contato com as artes visuais e com o cinema. Esse encontro foi um verdadeiro “combo” que me deslocou mentalmente, gerando uma profusão de sensações de beleza e um convite ao magnífico mundo das artes. Posso dizer, portanto, que os anos iniciais da minha vida foram moldados pela arte e pela *brincância*. Assim sendo, não é irrelevante afirmar que os aspectos sensíveis das artes e do brincar fundamentam os argumentos que sustentam este texto, que trata das feitura de encantamento na dimensão transformadora dos artistas e brincantes, com efeitos na educação infantil. Essa experiência se expandiu ao longo da minha trajetória pessoal, marcada pela formação na área artística, da educação e do brincar, e faz parte da minha vida profissional atual, como docente envolvido na formação de professoras e professores em um curso de Pedagogia de uma instituição pública^v.

Com o propósito central de investigar e analisar a relevância dos artistas brincantes na formação inicial e continuada de professores e professoras da educação infantil, foi elaborada, sob a orientação das professoras Márcia Strazzacappa^{vi} e Federica Zanetti^{vii}, a tese de doutorado intitulada *Pedagogia de artistas e brincantes: um olhar sobre a formação de docentes para a educação infantil a partir de uma escola pública*^{viii} (Viana, 2023). Em vista disso, este texto dispensa a inserção de outros autores e se pauta exclusivamente na tese mencionada.

A pesquisa adotou uma abordagem etnográfica, complementada por elementos da pesquisa-ação. Na qualidade de pesquisador, houve imersão em ambientes que possibilitaram a interação com diversos indivíduos vinculados ao universo da arte e do brincar, dos quais o mais significativo foi uma escola pública de educação infantil na capital mineira, embora também tenha acessado instituições similares na Itália, nas províncias de Bolonha e Reggio Emilia. Os trabalhos incluíram entrevistas semiestruturadas com artistas vinculados a cinco eixos distintos, correspondentes às linguagens do brincar, da imagem, do movimento, da palavra e do som.

O presente texto, portanto, tem como objetivo apresentar os resultados que permitem afirmar que a contribuição dos artistas e brincantes se baseia em seu vasto repertório de conhecimentos e saberes. Esses conhecimentos são transformados em produtos, tanto acadêmicos quanto não acadêmicos que, quando combinados com ações formativas presenciais, passam a servir como referências valiosas para as práticas pedagógicas na educação infantil.

A pedagogia dos artistas e brincantes se caracteriza pelo cultivo da beleza e das experiências lúdicas. Quando inseridos numa dimensão formativa transformadora, eles e elas atuam como fatores e feitoras de encantamentos, termo que será aprofundado adiante. Apesar dos desafios relacionados a sua integração nos cursos de Pedagogia, esses e essas profissionais da arte e do brincar desempenham um papel crucial no fomento do desenvolvimento autônomo e criativo de indivíduos que atuam, ou almejam atuar, como docentes para a primeira infância.

A relevância dos artistas e brincantes investigados na pesquisa manifesta-se em duas dimensões principais, estreitamente imbricadas: de um lado, a ação investigativa e criadora; de outro, sua contribuição significativa para a formação de professores e professoras da Educação Infantil. Nesse entrelaçamento, observa-se que artistas voltados para as infâncias atuam como verdadeiros pesquisadores ao se inserirem na realidade infantil e transformarem essas experiências em obras de arte e invenções brincantes, que combinam formas tradicionais e inovadoras de brincar, bem como diferentes modos de lidar com brinquedos. Por essa razão,

suas produções constituem referências práticas importantes para a atuação docente, inspirando ações concretas no cotidiano da educação.

A questão central que orientou o estudo foi: quais sentidos são construídos e qual a importância dos artistas e brincantes brasileiros — que atuam com jogos, brinquedos, brincadeiras e práticas artísticas voltadas para crianças — na formação docente para a educação infantil? Além disso, outra indagação fundamental emergiu das hipóteses formuladas: seria possível confirmar a existência de uma pedagogia própria dos artistas e brincantes no processo de formação de docentes da primeira infância?

Antes de refletir sobre as questões centrais, é importante frisar que o referencial teórico da pesquisa, no campo da arte, apresenta perspectivas que articulam estética, arte, educação e cultura, com desdobramentos significativos para a educação infantil e a formação de professores nessa etapa. Trata-se de um corpo teórico, constituído por investigações diversas, em artigos científicos, livros, teses e dissertações, que fundamentaram de maneira sólida todo o estudo.

Como referência de trabalho na área da arte, considerou-se textos que abrangem desde fundamentos teóricos até práticas pedagógicas. Esses trabalhos abordam manifestações da cultura popular, memória coletiva e tradições; apontam fundamentos teóricos e metodológicos tanto para o ensino das linguagens artísticas quanto para a formação docente em contextos escolares; também contemplam reflexões sobre práticas educativas em jogos, dança, desenho, música, teatro, contação de histórias e oralidade, além de discussões que exploram as dimensões críticas e políticas da arte; enfatizam a estética no cotidiano das crianças, o reconhecimento de seu protagonismo e a valorização de sua criatividade e sensibilidade. Tais questões aparecem em autores como Mário de Andrade (2002), Antônio Augusto Arantes (1990), Ana Mae Barbosa (1981), Maria Carmen Silveira Barbosa e Paulo Sérgio Fochi (2011), Bia Bedran (2012), Augusto Boal (2004, 2009), Luís da Câmara Cascudo (2012), Anna Paola Corradi (2021), Susana Rangel Vieira da Cunha (2012), Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman (1999), Mirza Ferreira e Ana Paula Abrahamian de Souza (2015), Ernst Fischer (1966), Maria Aparecida Gobbi e Mônica Appezato Pinazza (2014), Mônica Guerra (2022), Alfredo Hoyuelos (2020), Ingrid Dormien Koudela (2009), Rosvita Kolb-Bernardes e Luciana Esmeralda Ostetto (2016), Isabel A. Marques (2012), Isabel A. Marques, Josca Ailine Baroukh e Maria Cristina C. L. Alves (2012), Mirian Celeste Martins e Lúcia Maria Salgado dos Santos Lombardi (2015), Luciana Esmeralda Ostetto (2012), Luciana Esmeralda Ostetto e Maria Isabel Leite (2004), além de Márcia Strazzacappa (2012).

No que se refere ao brincar, as contribuições apresentam múltiplas perspectivas relevantes para a educação e para a compreensão das infâncias, abordando a criação de brinquedos e brincadeiras, a corporeidade infantil, a significação dos movimentos, o papel da imaginação e a interação com a natureza. Nessa direção, destacam-se estudos sobre o significado do brinquedo na formação dos sujeitos, o conceito de “faz de conta” e os jogos simbólicos, além de teorias e metodologias da ludicidade que ofereceram fundamentação consistente para a pesquisa, sempre considerando a formação integral da criança em suas dimensões éticas, sociais e políticas. Foram acessadas, nesse eixo, as obras de Adelsin (2011, 2013, 2014), Walter Benjamin (2000a, 2000b, 2005, 2008a, 2008b), William A. Corsaro (2002), Catherine Garvey (2015), Johan Huizinga (2007), Tizuko Morchida Kishimoto (1998, 2007, 2016, 2018), Walter Omar Kohan (2018), Gandy Piorski (2016), Zoia Ribeiro Prestes (2016), Peter Slade (1978) e Viola Spolin (2008).

Encerrado esse panorama, a próxima seção tratará dos artistas e brincantes, ressaltando o papel investigativo e criador que eles exercem, assim como sua contribuição para a formação integral de docentes da Educação Infantil.

Artistas e brincantes no contexto da educação infantil

Constatamos que artistas que se dedicam ao público infantil^{ix} são profissionais comprometidos com a invenção, circulação e compartilhamento das diferentes linguagens artísticas que integram os eixos da experiência estética anteriormente mencionados: imagem, movimento, palavra e som. Sua presença no cotidiano das crianças na Educação Infantil favorece vivências lúdicas e estéticas significativas ao permitirem penetrar o universo das infâncias, sendo frequentemente utilizadas como recursos pedagógicos nas escolas. Estão presentes nas músicas cantadas e dançadas, nos filmes exibidos, nas palavras e imagens dos livros de literatura infantil, de modo que se torna impensável a ausência das linguagens artísticas e do brincar nas escolas da primeira infância.

Esses sujeitos são, antes de tudo, artistas. Desenvolvem e demonstram suas obras como ocorre com qualquer artista, e, em certas ocasiões, se apresentam também como formadores diretos, em encontros, cursos e oficinas, e como difusores de produções por meio de variados suportes tecnológicos. Ainda que muitas vezes suas criações sejam incorporadas à rotina como recurso didático, elas preservam, em essência, o caráter estético e artístico que lhes dá sentido.

Observa-se que a atuação dos artistas na educação infantil pode ser compreendida sob duas perspectivas complementares. A primeira relaciona-se com a cultura popular, instância em

que esses profissionais exploram práticas, narrativas e manifestações tradicionais, valorizando fontes não acadêmicas e criando propostas autorais, assim, elementos como narrativas orais, confecção de brinquedos e jogos de palavras exemplificam saberes que, embora não tenham sido originalmente concebidos para o contexto escolar, contribuem significativamente para o aprimoramento das práticas educativas em salas de aula, espaços abertos e ateliês. Paralelamente, a segunda perspectiva se conecta às nuances contemporâneas, especialmente no que diz respeito às linguagens mediadas pelas tecnologias digitais. Nesse contexto, artistas e brincantes desenvolvem novas formas de criação e experiências estéticas que impactam diretamente o cotidiano escolar, com destaque para as artes visuais e o audiovisual, áreas que se beneficiam desses recursos.

Observamos que os artistas possuem um “estado de presença”, que se manifesta em, pelo menos, duas circunstâncias distintas. A primeira a que me refiro, dos artistas de difusão midiática:

[...] são os que veiculam seu trabalho de forma abrangente, amparados pela grande mídia pública e privada: rádio, televisão aberta ou por assinatura. Aparecem também na rede mundial de computadores interligados: a internet. Na escola, são vistos expressivamente nas produções musicais e audiovisuais. Fazem parte da indústria cultural de massa, que vê no público infantil um vantajoso potencial econômico. Alguns desses artistas chegam a se estabelecer como empresas de licenciamento de marcas, as chamadas franquias, dando a entender que uma única produção artística pode ser executada por elencos diferentes. Preserva-se, desse modo, uma visão comercial da arte, que se vale de uma entre tantas leituras sobre a cultura da infância. E à criança retorna em forma de produtos de consumo de identificação imediata. Trata-se de uma produção voltada para a realidade do entretenimento, semelhante ao que ocorre com o público adulto (Viana, 2023, p. 66).

Alternativamente, há também os artistas de difusão não midiática, que

[...] são aqueles que não contam com um grande investimento para a veiculação de suas criações nos meios de comunicação de massa. De forma independente, são responsáveis por produções que prezam pelas pesquisas de linguagens. E, embora não seja uma regra, geralmente são os que apresentam um distinto zelo estético e ético, ou seja, produzem algo que renova o panorama da arte para a infância, movidos pelos próprios desafios do ato criativo e pela recepção inteligente das crianças. Muitos conservam a proximidade com a cultura popular (Viana, 2023, p. 67).

Já os brincantes são aqueles que, por meio do jogo, do brinquedo e das brincadeiras, mantêm vivas e reinventam tradições ligadas ao universo da infância. Embora nem sempre tenham formação acadêmica específica no campo das artes, sua atuação é marcada pela ludicidade e pela relação direta com as crianças, estimulando a imaginação e o prazer de brincar.

Para melhor compreender o termo “brincante” foram contatados diversos brincantes brasileiros^x que contribuíram para avaliar e compreender esse conceito. Para sintetizar, escolhi cinco deles como exemplos, apresentados abaixo de maneira sucinta, são eles: o mineiro

Adelsin, um dos mais respeitados brincantes e pesquisadores da infância brasileira; Lydia Hortélio, importante pesquisadora da infância e etnomusicóloga, com atuação significativa na rica região cultural do Vale do Jequitinhonha; Mestre Roquinho, natural do Vale do Jequitinhonha, um brincante que realiza pesquisas sobre a feitura de brinquedos na natureza e se destaca como expoente de uma “pedagogia das essencialidades”, integrando saberes e práticas da infância em estreita relação com o meio natural; Mestre Farias, de origem urbana e oriundo da periferia, integra o ambiente da cultura popular e é reconhecido como mestre por suas contínuas ações em comunidades e instituições de formação continuada em Belo Horizonte, destacando-se como divulgador e praticante das brincadeiras de pião e, por fim, Antônio Nóbrega, fundador do Instituto Brincante, artista e brincante que desenvolve ações formativas e espetáculos baseados na cultura e nas manifestações genuinamente brasileiras, inspirado principalmente pela cultura popular nordestina, envolvendo danças, folguedos, musicalidade e diversas formas de representação.

Ao analisar os depoimentos recebidos, compreende-se que brincante é aquele ou aquela que se envolve ativamente no ato de brincar, articulando suas próprias memórias de infância com as experiências das crianças ao seu redor. Mais do que um papel ou ocupação, ser brincante significa sustentar um diálogo permanente com a infância, observando, explorando e criando diferentes formas de brincar. Nesse processo, o brincante se vincula a saberes e tradições culturais presentes em comunidades social e culturalmente distintas.

A presença do brincante se manifesta de forma intensa nas manifestações culturais populares brasileiras, como os folguedos, o Bumba-meu-boi, o Maracatu e as Congadas, nos quais a música, o movimento, a dramatização e a narrativa se entrelaçam com significados históricos e sociais. Nesse contexto, o brincante atua como mediador de experiências que articulam ludicidade, cultura e memória social, reunindo habilidades que vão do canto e da dança à confecção de brinquedos e improvisação de versos.

Quando o termo brincante é associado à educação infantil escolar, ele ganha uma dimensão mais ampla, passando a designar profissionais que fazem do brincar o eixo central de sua prática pedagógica. São professoras e professores que desenvolvem atividades que estimulam a criatividade, a imaginação e a apropriação cultural das crianças, atuando em escolas, oficinas, projetos sociais e espaços comunitários, promovendo a transmissão de saberes.

Observamos uma ampla tipologia de brincantes, cuja identidade se constitui na capacidade de integrar múltiplas habilidades: cantar, dançar, tocar, construir, narrar e brincar

— e de transmiti-las de maneira participativa, solidária e reflexiva, valorizando a infância, a cultura popular e a arte como fundamentos inseparáveis de sua atuação. O contato com esses brincantes, ainda que de forma indireta, também favorece a formação docente, pois muitos educadores e educadoras ampliam suas possibilidades de trabalho a partir do que eles transmitem. Esse compartilhamento pode se dar por diferentes formas de registro, sempre em metamorfose, como livros e a produção videográfica, bem como pela agilidade das trocas entre os pares nas redes sociais e em outros meios de interação possibilitados pela internet. Em termos comparativos, pode-se afirmar que os artistas concentram sua atuação na criação e na difusão de obras artísticas, enquanto os brincantes se esforçam por preservar e remodelar as práticas tradicionais da infância. Apesar das diferenças de ênfase, suas ações se entrelaçam, fazendo com que arte e brincar sejam complementares.

Retomando as questões centrais da pesquisa, que envolvem a atuação dos artistas e brincantes brasileiros na formação docente para a educação infantil, a relevância desses profissionais se manifesta, principalmente, na oferta de saberes que se aproximam da lógica acadêmica — entendida como a organização do pensamento de forma coerente e amplamente fundamentada —, sem que esta seja o seu parâmetro exclusivo. Alguns dos artistas e brincantes pesquisados são autores de obras literárias de viés pedagógico, mas não se limitam à produção de livros, músicas, artefatos ou jogos; eles também produzem e ensinam a produzir brinquedos, proporcionando, sobretudo, experiências sensíveis que ampliam a concepção de infância e de educação. Tais conhecimentos configuram-se como recursos formativos essenciais, especialmente nos cursos de Pedagogia, que devem abarcar a centralidade do brincar e das linguagens artísticas em seus currículos regulares.

Além disso, suas produções assumem uma função de formação continuada, ora institucionalizada, ora não. Em contextos marcados pela fragmentação das políticas públicas de formação docente, essas contribuições surgem como alternativas concretas, acessíveis tanto a docentes em início de carreira quanto aqueles já em exercício. Nossos estudos indicam que a oferta de formação continuada para estes profissionais nem sempre é satisfatória. Sabe-se que a educação infantil deve ser gerida pelos municípios brasileiros, contudo, muitos deles não conseguem atender a essa demanda de forma eficiente. Em tal cenário, a ausência de formações abrangentes se torna um dos maiores desafios da educação. A realidade brasileira ainda dificulta a participação de docentes em ações formativas, em grande parte porque muitos precisam se desdobrar entre diferentes turnos e instituições para garantir melhores rendimentos. De passagem, sem maior aprofundamento neste texto, é preciso destacar que a presença desses

profissionais nos meios de comunicação digital intensificou-se durante a pandemia de Covid-19 (2020–2023), de modo que esses meios se consolidaram como um espaço potente para a circulação de práticas, técnicas e experiências voltadas à arte e ao brincar. Entretanto, esse ambiente também exige reflexão crítica, uma vez que o acesso a sugestões de atividades, tão comum nessa realidade, não se configura, por si só, como formação ou transformação continuada efetiva para a docência.

Sobre a pedagogia de artistas e brincantes

No que se refere à segunda pergunta central da pesquisa, que investiga a possível existência de uma pedagogia própria dos artistas e brincantes, a análise dos dados permite afirmar que essa pedagogia, de fato, existe. Nesse sentido, considero que esta é uma das constatações mais relevantes do estudo. Ela se fundamenta na experiência, na ludicidade e na estética, não como categorias abstratas, mas como práticas efetivamente vividas.

Ao propor jogos, brincadeiras, narrativas, canções ou invenções, entre outras feitura, os artistas e brincantes mobilizam dimensões criativas, corporais e simbólicas que repercutem na formação docente. Trata-se de um processo formativo que vai além da mera transmissão de técnicas. Ele se origina nas intencionalidades voltadas às crianças e, ao ser pensado a partir das percepções sobre e com elas, produz significados concretos para professores e professoras da educação infantil.

É nesse ponto que a pesquisa revela uma de suas mais importantes contribuições: a caracterização de uma pedagogia dos artistas e brincantes. Para demonstrar essa constatação em sua integralidade, apresento a descrição completa formulada na tese:

E, de fato, ao longo da pesquisa, as hipóteses se confirmaram ao evidenciarem, essencialmente, a existência de um corpo pedagógico composto por conhecimentos predominantemente práticos, contando ainda com produções teóricas publicadas por vários artistas e brincantes. Uma somatória de fazeres e pensares que legitimam a noção de uma verdadeira pedagogia que, com eles, se robustece por lidar com um sortimento de linguagens, modos de investigação e interação no contexto das infâncias, seja nos espaços educativos formais ou nos espaços da vida livre das crianças. Uma pedagogia que não se define pela imposição de estruturas curriculares oficiais, mas que conforma uma unidade pedagógica por reunir ações, conteúdos e experiências advindas da natureza das crianças e os quais reverberam, consequentemente, no cotidiano das professoras em suas escolas. Ademais, essa pedagogia se constrói com a sensibilidade e a capacidade criadora dos artistas e brincantes, que fortemente se nutrem do muito que eflui da cultura popular, uma verdadeira seara onde germina a universalidade cultural da infância, de onde muitos artistas e brincantes colhem conhecimento e preservam o signo da brasilidade. Trata-se da peculiaridade do que se é enquanto criança, criança enquanto gente com um jeito próprio. Daqui. Então, a partir dessa perspectiva é que se concebe como *Pedagogia* o conjunto de saberes originários da cultura das infâncias brasileiras, consubstanciados por artistas e brincantes formadores e não formadores, aqueles que

se lançam a apreender diversos elementos de natureza artística e lúdica dessas infâncias que, vistas, revistas, mantidas, transformadas e reinventadas, se voltam aos educandos infantis. É justamente por meio do predicado de unidade que se admite tal concepção: pedagogia dos artistas e brincantes! E tal unidade é identificada nas formas de artistas e brincantes se fazerem presentes e através de experiências, em espaços escolares, na junção entre crianças e professoras, ou em espaços não escolares, como os projetos sociais ou afins, em centros urbanos e em comunidades rurais e tradicionais, nas variadas produções artísticas, publicações bibliográficas, encontros com artistas e brincantes em condição de formadores ou parceiros. Também nas disciplinas específicas dos cursos de Pedagogia, nas práticas das professoras nas escolas, nas interações com atividades de cunho tradicional e contemporâneo (Viana, 2023, 61–62).

Isto posto, é permitido indagar: de onde vêm as músicas que preenchem os espaços escolares, entoadas por meninos e meninas sob a condução dos docentes? De onde se originam as danças manifestadas por corpos tenros, em meio às cirandas e aos rodopios repetidos? De onde surgem as brincadeiras que viajam no tempo, como se galopassem pelo mistério que oculta sua própria origem, sejam elas de mãos, de pés, de cordas, de bolas e bolhas, de gravetos ou de folhas? De onde vêm as melodias organizadas pela sofisticação da simplicidade? De onde brota o sopro criativo que permite às crianças darem os primeiros passos em direção ao belo, ou penetrarem nele? Um belo que também é brincável e, na infância, inquebrantável. Além do que é imponderável na infância, perceptível no olhar e na sensibilidade das crianças, a própria natureza infantil orienta uma pulsão brincante, curiosa e intensa. Ao mesmo tempo, é possível compreender que sempre haverá motivos para a existência e a permanência das coisas. Nesse sentido, não seria inoportuno afirmar que artistas e brincantes contribuem para o significado e a significância de tudo isso na infância e, por consequência, auxiliam aqueles que, diariamente, se envolvem com esse lugar inventado chamado escola.

Das práticas formativas surge a possibilidade de utilizar meios artísticos e lúdicos como recursos para a educação, contudo, é o contato direto com uma formação consistente, oferecida por artistas e brincantes experientes, que conduz à concepção notavelmente significativa de professor(a) criador(a). Nota-se que a potencialidade dessa formação se concretiza quando os professores e professoras incorporam, em seu corpo e em sua ação prática, todo um arcabouço de repertórios. Ou seja, tudo precisa passar pela experiência direta dos docentes, o que evita a redução da prática a um “arteduto” ou “ludoduto”, isto é, a transformação do professor ou da professora em mero agente de condução de experiências, sem envolvimento efetivo com o objeto de ensino, como ocorre com os procedimentos automatizados ou impessoais. Embora a criatividade seja intrínseca à carreira docente, a mediação desses artistas e brincantes legitima e fortalece a condição de professor(a) criador(a).

A pesquisa demonstra que reconhecer e integrar os saberes desses profissionais na formação inicial e continuada de docentes constitui um processo pautado na função transformadora que a arte e o brincar podem exercer sobre professores(as) e crianças, tanto em ambientes escolares quanto em espaços não escolares. Essa pedagogia emerge das experiências, que podem ser entendidas como verdadeiras *feituas de encantamento*. Nesse processo, o conceito das *feituas de encantamento*, expressão que nasceu no movimento da pesquisa e da escrita, emergiu, ainda que não tenha aparecido explicitamente no corpo da tese.

O termo “feituas” refere-se às ações de artistas e brincantes voltadas às infâncias, sustentadas pelos verbos *explorar*, *criar* e *propor* de forma constante. Esses profissionais atuam nas fissuras da infância, reconhecendo e estimulando a curiosidade, o interesse e a sensibilidade das crianças. Muitos deles retomam suas próprias experiências infantis, reativando o poder dos sentidos: captam sons e ruídos, percebem texturas, cores, formas, sabores e aromas, e dinamizam experiências.

A noção de *encantamento* na pedagogia dos artistas e brincantes

A reflexão sobre a pedagogia dos artistas e brincantes permite identificar uma dimensão que atravessa suas práticas e dá sentido à sua presença na formação docente: o encantamento. Essa categoria não pode ser entendida como mero adorno ou efeito estético superficial, mas como força estruturante das experiências formativas que tais sujeitos oferecem. Quando se fala em “feituas de encantamento”, não se trata apenas de momentos prazerosos ou divertidos, mas de vivências que mobilizam sentidos, despertam sensibilidades e produzem deslocamentos no modo de perceber e viver o mundo. No mundo.

Não seria o caso de *se encantar* com a sutileza sonora e a poesia musical do Duo Rodapião^{xi}, ou com a musicalidade extraordinária de outro duo, o Palavra Cantada^{xii}, ou com os filmes infantis de Ale McHaddo ou, ainda, com os brinquedos que ganham vida pelas mãos criativas de Adelsin? Não seria *encantador* ouvir as histórias narradas e cantadas por Beatriz Myrrha e Bia Bedran, ou perceber a vida que se manifesta em uma boneca de pano ou de papel criada por Cássia Macieira? Não seria igualmente *encantador* mergulhar na literatura luminosa de Bartolomeu Campos de Queirós ou de José Carlos Aragão; acompanhar a multiplicidade criativa de Chico dos Bonecos em palavras, ideias e movimentos; ver os barquinhos de sonhos confeccionados por Mestre Roquinho ou o giro preciso de um pião que Mestre Farias faz rodopiar na palma da mão?

Todas essas pessoas citadas compõem o grupo de artistas e brincantes que, entre outros, subsidiaram nossos estudos. Eles e elas nos fazem refletir que, enquanto a lógica acadêmica tradicional tende a privilegiar discursos racionais, normativos e técnicos, os artistas e brincantes introduzem uma pedagogia sustentada pela vivência estética, pela corporeidade e pela ludicidade, comprometidos com outra lógica que tem mais a ver com o gozo; a alegria nos fazeres. São práticas que, ao mesmo tempo, provocam estranhamento e fascínio, rompendo fissuras. Posturas que ajudam a compreender a infância e a reconhecer no brincar e na arte um campo de conhecimento legítimo, e não apenas acessório.

O encantamento emerge, portanto, como categoria pedagógica, porque é capaz de produzir sentidos compartilhados, ampliar horizontes de percepção e instaurar vínculos de pertencimento entre docentes, crianças e cultura. Não se trata de um saber abstrato ou distante: ao contrário, é concretizado em feitura que abrangem memória corporal e afetiva. Cada brincadeira, cada gesto artístico, cada música ou história inventada carrega em si a potência formativa não apenas no plano cognitivo, mas também no ético, no estético e no político.

Essa pedagogia do encantamento está enraizada em práticas culturais diversas — heranças indígenas, afro-brasileiras e europeias que se fundem no cotidiano das crianças brasileiras. Ao retomar cantigas, brinquedos tradicionais, danças populares ou rituais lúdicos, os artistas e brincantes conservam e reinventam tradições, atualizando-as em novos contextos e possibilitando que professoras compreendam a infância como território de memória, resistência e invenção. O encantamento, nesse sentido, não é algo individual, mas uma experiência coletiva que conecta gerações e fortalece laços comunitários.

Reitera-se que a condição dos encantamentos gerados pelos artistas e brincantes em um contexto educacional é seu caráter de formação. O que se estabelece é uma abordagem formativa voltada para a criação de experiências, permitindo que o inesperado, o sensível, o simbólico e quiçá o imponderável possam vir à tona. Nesse contexto, a atuação dos artistas e brincantes se torna decisiva, pois não se limita a oferecer repertórios rígidos, mas sim propostas a serem vivenciadas e reinventadas, capazes de estimular docentes e crianças a se reconhecerem como sujeitos criadores.

As feitura de encantamento não são meros enfeites da infância: comportam a vitalidade que integra arte, cultura, brinquedos e brincadeiras, viabilizando mais inteireza na formação de futuras ou de experientes docentes. Reconhecer essa dimensão é reconhecer também que a educação infantil demanda mais que atividades, ela requer abertura ao sensível, à beleza e à imaginação como potências indispensáveis.

Pode-se dizer que *encantamento*, sendo um substantivo comum e abstrato, nomeia algo que remete a sensações e sentimentos de caráter positivo. Refere-se a experiências que despertam prazer em tal intensidade que provoca afetos e deslocamentos pelas vias sensoriais. Embora precisem ser compreendidos na formação docente como algo de grande seriedade, as artes e o brincar, nesse sentido, representam verdadeiras fontes de júbilo.

Considerações finais

Neste texto, procurei abordar de forma deliberada a tese intitulada *Pedagogia dos artistas e brincantes: um olhar sobre a formação de docentes para a educação infantil a partir de uma escola pública* (Viana, 2023), defendida em junho de 2023 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em regime de cotutela com a Universidade de Bolonha. O campo de pesquisa foi circunscrito a uma escola pública de educação infantil, referência nessa modalidade de ensino, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, e à realidade educacional da região da Emília-Romanha, na Itália. Houve, assim, um aprofundamento *in loco* em um contexto internacionalmente reconhecido pelas políticas e práticas pedagógicas para a primeira infância.

O estudo possibilitou encontros significativos com diversos artistas e brincantes, figuras experientes e dedicadas às infâncias no Brasil. Essa experiência também se entrelaça à minha própria trajetória como artista e brincante, o que tornou o percurso de pesquisa ainda mais fecundo. A partir dele, pude admitir a existência de uma pedagogia de artistas e brincantes que, embora recorrente, não encontra oficialidade nos currículos dos cursos de Pedagogia. Essa pedagogia se manifesta no cotidiano das escolas de educação infantil, onde artistas e brincantes se fazem presentes, nutrindo práticas educativas que passam a ser consideradas como *feitas de encantamento*.

Essa noção surgiu da leitura e releitura dos capítulos, assim como da observação atenta da atuação de artistas e brincantes. O que eles realizam, o que investigam, criam e compartilham revela uma natureza artesanal, uma espécie de feitura sensível produzida pelas mãos e pelos corpos inteiros. São criações que não se esgotam no gesto artístico, mas se desdobram em pedagogias vividas e transmitidas na experiência.

A pesquisa me levou a afirmar a existência de uma pedagogia própria de artistas e brincantes, que se substantiva no *encantamento*. Também me permitiu reconhecer, em minha própria condição de artista, brincante e docente que o encantamento é um motor essencial desse fazer. Artistas e brincantes se movem pelo desejo genuíno de encantar, desejo intrínseco a suas práticas. Há nisso uma aparente obviedade, contudo, ao considerar a contribuição desses

sujeitos para as infâncias e para a educação infantil, sobressai a natureza formativa dos elementos com os quais trabalham: imagem, movimento, palavra, som, inventividade e brincadeira.

A arte e o brincar podem ser compreendidos como substâncias transitivas. Embora distintos, ambos exigem complemento, pois são feitos *para* o outro e, muitas vezes, *com* o outro. Nessa dinâmica, uma pedagogia emerge com sentido concreto para a educação infantil, pois docentes se nutrem dos saberes organizados nas investigações, invenções e reinvenções dos artistas e brincantes. Tais experiências geram repertórios tangíveis e fundamentais para as práticas pedagógicas que abrangem a primeira infância.

O encantamento, nesse contexto, realiza uma mediação potente entre tradições das infâncias e expressões mais contemporâneas. Convém destacar que artistas e brincantes são também responsáveis por inovações em seus campos de atuação, renovando constantemente suas práticas. Suas feitura de encantamento alcançam diferentes espaços de formação, seja em eventos presenciais, seja no acesso de docentes e discentes de Pedagogia a suportes materiais contemporâneos, como produções de áudio, vídeo ou livros muitas vezes difundidos pela rede mundial de computadores.

Assim, a pedagogia dos artistas e brincantes pode ser compreendida como uma *pedagogia de encantamentos*. Ela não apenas amplia repertórios pedagógicos, mas cria espaços de experiência capazes de nutrir o sensível, o criativo e o simbólico, reafirmando o papel das artes e do brincar como fundamentos essenciais da formação docente e da educação das infâncias.

Referências

ADELSIN. *Barangandão barulhinho*: 36 brinquedos inventados por meninas e meninos. Carapicuíba: Zerinho ou Um, 2014.

ADELSIN. *Barangandão natureza*. Carapicuíba: Zerinho ou Um, 2013.

ADELSIN. *Cuidar bem das crianças*: brinquedos e brincadeiras com o corpo em movimento. São Paulo: Peirópolis, 2011.

ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Paulo Sérgio. O teatro e os bebês: trajetórias possíveis para uma pedagogia com crianças pequenas. *Espaços da Escola*, Unijuí, ano 21, n. 69, p. 29–38, jan./jun. 2011.

BEDRAN, Bia. *A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. Brinquedo e brincadeira. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2008a.

BENJAMIN, Walter. Brinquedos. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 2000a.

BENJAMIN, Walter. História cultural do brinquedo. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2008b.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 2000b.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2005.

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12 ed. São Paulo: Global, 2012.

CORRADI, Anna Paola. *La Baracca: 45 anni di Teatro Ragazzi*. Bologna: Pendragon, 2021.

CORSARO, William Arnold. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade & Cultura*, n. 17, p. 113–134, 2002.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). *As artes no universo infantil*. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRA, Mirza; SOUZA, Ana Paula Abrahamian de. Um olhar sobre o ensino da dança nos cursos de Pedagogia. *Trama Interdisciplinar*, v. 6, n. 2, p. 130–144, 2015.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte: uma interpretação marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

- GARVEY, Catherine. O que é brincadeira? In: GARVEY, Catherine. *A criança em desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). *Infâncias e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014.
- GUERRA, Mônica. *As mais pequenas coisas: exploração como experiência educativa*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2022.
- HOYUELOS, Alfredo. *A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. São Paulo: Phorte, 2020.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 1998.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Cengage Learning, 2018.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Aparecida. *Froebel: uma pedagogia do brincar para a infância*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos (Orgs.). *Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidades*. São Paulo: Cortez, 2016.
- KOHAN, Walter Omar. Paulo Freire: outras infâncias para a infância. *Educação em Revista*, v. 34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/q6yRqYmN7nmgffpjrdTmJnb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025.
- KOLB-BERNARDES, Rosvita; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Arte na educação infantil: pesquisa, experimentação e ampliação de repertórios. *Trama Interdisciplinar*, v. 7, n. 2, p. 40–52, 2016.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- MARIZ, Vasco. *Heitor Villa-Lobos: o homem e a obra*. São Paulo: Francisco Alves, 2005.
- MARQUES, Isabel A. *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARQUES, Isabel A.; BAROUKH, Ailine J.; ALVES, Maria Cristina C. L. *Interações: crianças, dança e escola*. São Paulo: Blucher, 2012.
- MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lúcia Maria Salgado dos Santos. A arte na pedagogia e a formação do professor para educação infantil e anos iniciais. *Trama Interdisciplinar*, v. 6, n. 2, p. 23–36, 2015.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educação infantil e arte: sentidos de práticas possíveis*. Campinas: Papius, 2012.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas: Papius, 2004.
- Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 11, N. 3 - pág. 222-240 set-dez de 2025: “Formação Docente, Educação Infantil e Arte” – DOI: 10.12957/riae.2025. 94379

PIORSKI, Gandy. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PRESTES, Zoia Ribeiro. A brincadeira de faz de conta e a infância. *Trama Interdisciplinar*, v. 7, n. 2, p. 28–39, 2016.

SLADE, Peter. *O jogo dramático infantil*. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Educação somática e artes cênicas: princípios e aplicações*. Campinas: Papyrus, 2012.

VIANA, Waldimir Rodrigues. *Pedagogia de artistas e brincantes: um olhar sobre a formação de docentes para a Educação Infantil a partir de uma escola pública*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas; em cotutela com Università di Bologna, Campinas, 2023.

ⁱ Optou-se por conservar o conceito, que é explicado e elaborado ao longo do texto, em português na tradução devido à falta de correspondência em outros idiomas.

ⁱⁱ Atualmente, as obras que integram o ciclo das canções infantis de Heitor Villa-Lobos estão disponíveis em diversas editoras e gravadoras. Entre elas, destacam-se: *Cirandas* (1926–1929), com 16 peças para piano baseadas em cantigas de roda ou canções populares infantis, gravadas por Roberto Szidon pela Vox Records; *Cirandinhas* (1926–1929), com 12 peças para piano em caráter mais intimista e pedagógico, também gravadas por Roberto Szidon pela Vox Records; *Guia Prático* (1932–1949), coletânea de 137 canções populares infantis arranjadas para canto e piano, publicada pela Funarte/Atração Fonográfica/Instituto Itaú Cultural, com participação de diversos instrumentistas e do Coro Infantil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (Discografia Discos do Brasil); e *Canções de Ninar e outras peças isoladas*, como *A Canoa Virou* e *Sapo Cururu*, disponíveis em plataformas de streaming e edições publicadas (Discografia Discos do Brasil).

ⁱⁱⁱ Destacam-se do ciclo de canções infantis as seguintes: *A Cotia*, *Bambalalão*, *Borboletinha*, *Cai, Cai Balão!*, *Capelinha de Melão*, *Carneirinho*, *Carneirão*, *Na Fonte do Itororó*, *O Anel*, *O Caranguejo* (*Caranguejo Não É Peixe*), *O Cravo Brigou com a Rosa*, *Pai Francisco*, *Samba-Lelê*, *Sapo Jururu*, *Terezinha de Jesus*, *Nesta Rua Tem Um Bosque*.

^{iv} O canto orfeônico, idealizado por Heitor Villa-Lobos entre as décadas de 1930 e 1940, consistia em uma prática musical voltada para o desenvolvimento das competências musicais dos estudantes, ao mesmo tempo em que promovia a valorização da cultura nacional e de suas diversas manifestações, inserindo-se como proposta de educação musical nas escolas.

^v A instituição referida é a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – Campus de Rolim de Moura.

^{vi} Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernandez é Livre-Docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

^{vii} Federica Zanetti é professora associada no Departamento de Ciências da Educação "Giovanni Maria Bertin" da Universidade de Bolonha.

^{viii} A Escola Municipal de Educação Infantil Silva Lobo, em Belo Horizonte, serviu como parte do campo de pesquisa.

^{ix} Na pesquisa foram entrevistados diversos artistas e brincantes que atuam em diferentes linguagens artísticas e educativas: Adelsin (artista plástico, brincante, escritor e contador de histórias), Ale McHaddo (cineasta de animação e artista do audiovisual), Antônio Nóbrega (músico, ator, dançarino e brincante), Beatriz Myrrha (atriz, cantora e contadora de histórias), Bia Bedran (cantora, compositora, escritora de literatura infantil e contadora de histórias), Cássia Macieira (atriz, artista de teatro de bonecos e pesquisadora), Chico dos Bonecos (brincante, artista popular e educador), Eugênio Tadeu (ator, músico e pesquisador de teatro e de músicas para as infâncias), Isabel Marques (pesquisadora e professora de dança), José Carlos Aragão (escritor), Mestre Farias (mestre de cultura popular e brincante), Mestre Roquinho (pesquisador da cultura das infâncias e brincante), Renato Gaia (artista do audiovisual), Rubinho do Vale (cantor e compositor), Samantha Viana (dançarina, coreógrafa e

professora de dança), Silvana Menezes (escritora e ilustradora), Valber Palmeira (ator, dramaturgo, diretor e professor de teatro), Valéria Val (musicista e professora de música) e Flaviane Lópes (dançarina e professora de dança).

^x Os brincantes que foram entrevistados no campo de pesquisa foram: Adelsin, Antônio Nóbrega, Chico dos Bonecos, Eugênio Tadeu, Mestre Farias, Mestre Roquinho.

^{xi} O Duo Rodapião surgiu da parceria entre os músicos e artistas brasileiros Eugênio Tadeu e Miguel Queiroz. Entre 1994 e 2018, desenvolveram juntos espetáculos cênicos e musicais voltados ao público infantil.

^{xii} O Duo Palavra Cantada, formado pelos músicos e artistas brasileiros Sandra Peres e Paulo Tatit, foi criado em 1994 e rapidamente se consolidou como uma referência na música infantil brasileira.